

A CRIAÇÃO DAS ARMAS DA ESCOLA DE MINAS

Rui Vieira da Cunha

Resumo: *Relatório das providências adotadas para a criação e oficialização do brasão de armas da Escola Nacional de Minas e Metalurgia, de Ouro Preto, MG.*

Abstract: *Report on the measures for the creation and establishment of the coat of arms of the Escola Nacional de Minas e Metalurgia, de Ouro Preto, MG.*

Está no Arquivo Nacional o famoso relatório de Claude Henri Gorceix (1842-1919) (1), que, na seqüência de antigas tentativas, desabrocha no Decreto nº 6.026, de 6 de novembro de 1875, ao criar uma Escola de Minas na Província de Minas Gerais e dar-lhe Regulamento (2), assinado por José Bento da Cunha e Figueiredo, Ministro do Império (3).

É instalada (12 de outubro de 1876) em Ouro Preto, por iniciativa de D. Pedro II, seu "fundador e padrinho" (4). Instituição singular sempre empenhada em ser "não só um estabelecimento de ensino profissional mas um centro de pesquisas e de trabalho científico" (5).

O Decreto-lei nº 8.393, de 17 de dezembro de 1945, ao conceder autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, à Universidade do Brasil, e dar outras providências, alinha entre suas unidades constitutivas a Escola Nacional de Minas e Metalurgia (art. 2º) (6). Aí também se prevê (art. 29) a expedição do Estatuto da Universidade, aprovado no Decreto nº 20.445, de 22 de janeiro de 1946, que reproduz (art. 6º) o mandamento daquele art. 2º e dispõe sobre a emissão dos regimentos internos das entidades integrantes (art. 115) (7).

Tal situação persiste até a Lei nº 3.843, de 15 de dezembro de 1960, autonomizar a unidade que, desligada da Universidade do Brasil (art. 1º), passa a denominar-se Escola de Minas de Ouro Preto, vigente, até adotados os respectivos Estatutos, o Regimento em uso (parágrafo único do art. 5º) (8). O Decreto nº 39, de 12 de outubro de 1961, aprova o competente Estatuto e reitera, no que com ele não colida, a observância desse Regimento até ser substituído por um outro (art. 93) (9).

Convém notar que esse Estatuto silencia quanto a signos do alunado. O diploma regimental da Escola Nacional de Minas e Metalurgia, aprovado pelo Conselho Universitário a 17 de agosto de 1946, entanto, expressa: "O distintivo dos alunos da Escola será um escudo cuja descrição e modelo constitui um anexo a este Regimento" (art. 88) (10).

Aproximando-se, dentro desse quadro legal, do centenário, a Escola já possui armas, cuja fixação é narrada em atas de seu Conselho Técnico-Administrativo e quando a dirige José Barbosa da Silva.

José Pedro Xavier da Veiga, Secretário *ad hoc*, lavra as atas das 61ª e 62ª sessões do Conselho, respectivamente a 24 de novembro e 8 de dezembro de 1943. Na 62ª sessão, "pede a palavra o Conselheiro Rômulo Fonseca, para notar a omissão, na ata da 61ª sessão, da leitura de seu parecer sobre o escudo de armas da Escola, trabalho que apresentou, a pedido da Diretoria, parecer esse que foi entregue ao estudo da comissão constituída pelos Conselheiros Alberto Barbosa da Silva e Francisco de Paula (*sic*) Magalhães Gomes. A comissão encarregada do estudo do parecer do Dr. Rômulo Fonseca apresentou, então, seu relatório, propondo a adoção da opinião exarada no aludido parecer. Posto em discussão, foi unanimemente aprovado, ficando, destarte resolvido que o brasão de armas da Escola será composto doravante conforme está brasonado em seguida: Escudo: Em tipo francês, partido, o campo direito em blau, o esquerdo em goles; com um malho (à direita) e um martelo de minerologista (à esquerda), ambos de ouro, em aspas, ao centro. Armamento: coroa de louro, com faixa inferior trazendo o mote: Cum mente et malleo."

O Conselheiro Paulo Magalhães ainda solicita "que se estabeleça um ex-libris para a Biblioteca, o qual será constituído pelo próprio escudo da Escola, o que foi aprovado." Cinco conselheiros assinam a ata: José Barbosa da Silva, Francisco de Assis Magalhães Gomes, Rômulo Soares da Fonseca, Paulo A. Magalhães e Alberto Barbosa da Silva.

Na 63ª sessão (22 de dezembro de 1943), secretariada por Amadeu Barbosa, há duas retificações a esse texto: de Paulo Magalhães, quanto à proposta de ex-libris, e de Magalhães Gomes, mencionado como Francisco de Paula quando seu nome é Francisco de Assis.

Brinda-nos o desenho de Rômulo Soares da Fonseca com uma interpretação autêntica do brasão que propõe, com êxito, a seus pares (11). Seu parecer, aliás, utiliza ao brasonar, embora sem rigorismos, modelo e vocabulário heráldicos.

A forma do escudo é taxativamente regulada com um vago "em tipo francês", a abarcar nutrido exemplário (12). É, assim, bastante diversificada nas representações das armas, mesmo nos quadros de formatura e no grande escudo

que apreciamos, em 1964, no pátio interno da Escola. Liberdade artística que, graças à elegante simplicidade do brasão, não distorce seu conteúdo.

Não encontramos, na documentação pesquisada, motivação expressa para a escolha dos esmaltes adotados, o que afasta o debate do simbolismo heráldico (13). Talvez opção por mero gosto pessoal.

As peças centrais são de subida importância, ao estilizarem heraldicamente a finalidade da entidade brasonada. Refuga-se de todo a decadente heráldica pictórica e paisagística, consagrada nas precursoras armas concedidas, em 1568, a *The Mines Royal Company*, a retratar um mineiro trabalhando na mina e um suporte com o martelo (14). São quadrinhos como, no claustro da Basílica de Santo Antônio em Pádua, o ex-voto com um escudo de Dal Porte, que "*montre un port complet avec jetée, phare, maisons, etc.*" (15).

É lógico representar-se uma entidade mediante instrumental associado a seus objetivos, sendo farta a messe de exemplos (16). Aí se incluem, na contemporânea heráldica corporativa portuguesa (17), os brasões do Sindicato Nacional dos Mineiros de Carvão e do Sindicato Nacional dos Operários Mineiros de Cobre e Ofícios Correlativos (18).

Malho e martelo são símbolos de larga divulgação (19) e, conjugados, montam um exemplo típico (20). Essa intensa disseminação de todas as espécies e suas posições (21) exige cuidados do heraldista ao empregá-los, como no brasão da Escola (um malho e um martelo de mineralogista).

Com efeito, o tipo pretendido deve logo ser declarado expressamente no brasão (22), a orientar o labor do artista, como frisa Boutell: "*Care should be taken in accurate representation if the blazon indicates that the implement is one associated with a particular craft*" (23).

O desenho do Dr. Soares da Fonseca acrescenta uma dupla linha a contornar o escudo, representando uma peça de segunda ordem, um debrum (24) de prata, mas disso não fala o texto aprovado.

O ornamento exterior suscita indagações heráldicas, a começar pela "coroa de louro."

No extenso setor das coroas honoríficas (25) a de louros é assaz prestigiada como símbolo de vitória (26). O modo de ostentá-la (27) às vezes confunde o leigo, mas aquele desenho o faz sem qualquer equívoco.

Um precedente nacional poderia ter instigado semelhante eleição. A Academia Brasileira de Letras, sem embargo de já haver tratado de signos identificadores (28), antes de 1923 não usa um emblema. Adota-o então, por proposta de seu presidente, Afrânio Peixoto: "uma coroa de louro, formada de dois ramos, presos por um laço de fita, contornando o dístico *Ad immortalitatem*" (29).

Vale assinalar que tal maneira de honorificência, com diferentes alvos e vegetais, está nas próprias armas imperiais e em muitos outros espécimens de nossa Heráldica de Domínio (30). Diversificações enriquecedoras, paralelas às ocorridas com a coroa mural, símbolo heráldico de domínio" (31), na Escócia (32).

Em um listel debaixo do escudo, brocante sobre o enlace dos ramos da coroa, inscreve-se a divisa ou legenda (33), inciso a demandar maior atenção.

Lidamos, efetivamente, com um ornato externo nada corriqueiro em nosso armorial, à diferença de países nos quais sua usança é costumeira. Para constatá-lo é suficiente perpassar algum dos celebrados catálogos específicos mais à mão (34).

Mesmo as divisas episcopais são raras entre nós antes do século XIX. Normalmente em latim, salvo para os bispos do rito oriental, vão em um listel em baixo do escudo (35).

Encontramos motos que, em feliz enlace, exprimem o forte mérito operativo do instrumental retratado nas peças principais do escudo. Caso implicando o martelo é o das armas, em 1610, de *The Worshipful Company of Blacksmiths*, cujo moto reza: *By hammer and hand all arts do stand* (36).

A divisa da Escola de Minas incisivamente patenteia, a par da referência valorativa ao instrumento profissional, o reto caminho para concretizar o límpido ideal pedagógico e científico da entidade – *Cum mente et malleo*.

Coincidência, aliás, voluntária ou acidental, com um item fichado, em 1895, por Henri Tausin. Registra o mote *Mente et malleo*, atinente aos Congressos geológicos internacionais (37).

A decisão fundamental do Conselho silencia no pertinente a cores na legenda. Daí depararmos com várias soluções ideadas ao puro sabor da liberdade artística de criação.

O desenho do Dr. Soares da Fonseca opta por um listel dividido horizontalmente com as cores do escudo (goles e blau), carregado com letras de ouro. Vê-se, em reprodução, no listel até cor de rosa, escolha a roçar uma antiga controversia heráldica (38).

Todo azul o listel no grande escudo no pátio interno do estabelecimento. E também, na melhor indicação para um observador, topamos um listel de prata com letras de sable.

As questiúnculas a propósito do surgimento do brasão da Escola de Minas servem para ressaltar a valia do empreendimento, vinculado ao patrimônio honorífico da casa. Lembramo-nos de imediato da lição do *Great Hall of Hart House*, na Universidade de Toronto, no Canadá (39), e do indispensável

preito de respeitosa homenagem ao heraldista idealizador das armas mineiras, Professor Dr. Rômulo Soares da Fonseca.

NOTAS

- (1) Henri Gorceix, *Organização de uma Escola de Minas na Província de Minas Gerais, in Segurança e Desenvolvimento*, ano XXIV, nº 160, pp. 3-16, Rio, 1975.
- (2) *Coleção das Leis do Império do Brasil de 1875*, tomo XXXVIII – parte II, vol. II, pp.701-709, Rio, 1876. Ver Cristiano Barbosa da Silva, *A herança sagrada do espírito de Gorceix, in Jornal do Brasil*, Rio, 31 outubro 1975.
- (3) Barão de Javari, *Organizações e Programas Ministeriais*, 3ª ed., pp. 171 e 173, Brasília, 1979.
- (4) Pedro Calmon, *História de D. Pedro II*, Tomo Terceiro (*No País e no Estrangeiro. 1870-1887*), p. 1237, Rio, 1975.
- (5) Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*, pp. 165-166, 1943; Raimundo Moniz de Aragão, *Quadro geral do ensino: Formação das instituições pedagógicas, in História da Cultura Brasileira* (coordenação de Manuel Diégues Júnior), vol. 2, p. 326, Rio, 1976.
- (6) *Coleção das Leis de 1945*, vol. VII, pp. 237-242, Rio, 1946.
- (7) *Coleção das Leis de 1946*, vol. II, pp. 218-233, Rio, 1946.
- (8) *Coleção das Leis de 1960*, vol. VII, p. 35, Rio, 1961.
- (9) *Coleção das Leis de 1961*, vol. VIII, pp. 48-57, Rio, 1962; *Estatuto*, p. 18, Ouro Preto, 1961.
- (10) *Regimento Interno da Escola Nacional de Minas e Metalurgia*, p. 26, Ouro Preto, 1957.
- (11) *Livro de Atas do Conselho Técnico-Administrativo*, Livro A, fls. 12 verso – 19 verso; *Brasão de Armas da Escola Nacional de Minas e Metalurgia. Aprovado pelo Conselho Técnico-Administrativo em sessão de 8 de dezembro de 1943* (desenho do Dr. Rômulo Soares da Fonseca).
- (12) Heather Child, *Heraldic Design*, pp.34-39, Londres, 1965; D.L. Galbreath e Léon Jéquier, *Manuel du Blason*, pp. 79-90, Lausanne, 1977; Vera Lúcia Bottrel Tostes, *Princípios de Heráldica*, pp. 29-31, Rio, 1983.
- (13) Salvador de Moya, *Simbologia Heráldica*, pp. 34 (nº 100 – Azul), 123 (nº 438 – Gules), 160 (nº 602 – Ouro), 177-178 (nº 667 – Prata), 191-192 (nº 720 – Sable) e 212 (nº 806 – Vermelho), São Paulo, 1961; Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, vols. 1 (A-CHE), pp. 127

- (*Argent*) e 209-213 (*Bleu*); 3 (H-Pie), pp. 322-325 (*Or*); 4 (PIE-Z), pp. 126-130 (*Rouge*) e 135-136 (*Sable*), Paris, 1973-1974.
- (14) Peter Gwynn-Jones, *The Art of Heraldry. Origins, Symbols and Designs*, p. 105, Londres, 1998.
- (15) D.L. Galbreath e Léon Jéquier, *op. cit.* (n. 12, *supra*), p. 277.
- (16) J. Siebmacher's *grosses Wappenbuch*, vol. 7 (Gustav A. Seyler, *Berufswappen*), *passim*, Neustadt an der Aisch, 1976.
- (17) F.P. de Almeida Langhans, *Manual de Heráldica Corporativa*, pp. 120-121, Lisboa, 1956, e *Heráldica Ciência de Temas Vivos*, vol. 1, pp. 363-381, Lisboa, 1966; Gastão de Melo de Matos e Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *Heráldica*, pp. 58-60, Lisboa, 1969.
- (18) *Brasonário Corporativo na Exposição de Heráldica do Trabalho – XX Aniversário da F.N.A.T.*, pp. 148 (nº 488) e 149 (nº 489), Lisboa, outubro 1955.
- (19) Salvador de Moya, *op. cit.* (n. 13, *supra*), pp. 142 (nº 520 – *Malhete*) e 145-146 (nº 537 – *Martelo*); Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *op. cit.* (n. 13, *supra*), vol. 3 (H-Pie), pp. 165-166 (*Maillet-Marteau*); J.E. Cirlot, *A Dictionary of Symbols*, p. 130 (*Hammer*), Nova York, 1962; Julian Franklin e John Tanner, *An Encyclopaedic Dictionary of Heraldry*, pp. 160 e 162 (*Hammer*), Londres, 1970; Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *Vocabulário Heráldico*, pp. 161 (*Malho*) e 163 (*Martelo*), Lisboa, 1985.
- (20) Walter Leonhardt, *Das grosse Buch der Wappenkunst*, p. 273, fig. 3 (*Hammer und Schlegel*), Munique, 1976.
- (21) Julian Franklin, *Shield and Crest*, p. 242, Londres, 1967.
- (22) A.G. Puttock, *A Dictionary of Heraldry and Related Subjects*, p. 67, Londres, 1970.
- (23) *Boutell's Heraldry* (revista por C.W. Scott-Giles), p. 95, Londres, 1958.
- (24) Armando de Matos, *Manual de Heráldica Portuguesa*, p. 40, Porto, 1941.
- (25) Luís Marques Poliano, *Heráldica*, p. 94, São Paulo, 1986.
- (26) Salvador de Moya, *op. cit.* (n. 13, *supra*), pp. 87 (nº 291 – *Coroa de louros*) e 139-140 (n. 509 – *Loureiro, e louros*); Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *op. cit.* (n. 13, *supra*), vols. 2 (CHE-G), pp. 117-122 (*Couronne*), e 3 (H-Pie), p. 113 (*Laurier*); J.E. Cirlot, *op. cit.* (n. 19, *supra*), p. 173 (*Laurel*); Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *op. cit.* (n. 19, *supra*), pp. 82 (*Coroa de louro*) e 159 (*Loureiro*); Maureen Stafford e Dora Ware, *An Illustrated Dictionary of Ornament*, pp. 68-69 (*Crown*), Londres, 1974. Usada até como peça interior em armas de família – Am-

- pelio Alonso de Cadenas y López e Vicente de Cadenas y Vicent, *Heraldario Español, Europeo y Americano*, tomo VI, p. 73 (*Lauro*), Madri, 2000.
- (27) Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *op. cit.* (n. 19, *supra*), p. 249, fig. 335 (*Coroa de louros*).
- (28) José Vicente de Azevedo Sobrinho, *Efemérides da Academia Brasileira de Letras*, pp. 13, 156 e 199 (distintivo, 1897-1898); p. 96 (fardão acadêmico, 1910), Rio, 1942.
- (29) Fernão Neves, *A Academia Brasileira de Letras. Notas e Documentos para a sua História (1896-1940)*, p. 28, Rio, 1940; Vicente Tapajós, *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*, vol. 3, pp. 119-121 (*Júlio Afrânio Peixoto*), Rio, 1993.
- (30) Clóvis Ribeiro, *Brasões e Bandeiras do Brasil, passim, scilicet* pp. 57-58, São Paulo, 1933; Milton Luz, *A História dos Símbolos Nacionais*, pp. 89-91, Brasília, 1999.
- (31) Herbert Paul Reinhold Groeger, *Heráldica, ciência auxiliar da História, in Revista do Instituto Genealógico Brasileiro*, nº 2, pp.25-26, São Paulo, 1980.
- (32) R.M. Urquhart, *Scottish Burgh and County Heraldry*, pp. 27-28, Londres, 1973; *Scottish Civic Heraldry*, vols. 1, pp. 8, 10, 11 e 14, Londres, 1979, e 2, pp. 5, 28 e 63, Hamilton, 2001.
- (33) Armando de Matos, *op. cit.* (n. 24, *supra*), pp. 67-68; Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *op. cit.* (n. 19, *supra*), p. 99 (*Divisa – legenda*). Ver Fernando R. de la Flor, *Emblemas. Lecturas de la imagen simbólica*, pp. 79-107, Madri, 1995.
- (34) M.A. Porny, *The Elements of Heraldry*, pp. 226-234, Londres, 1795; W.A. Copinger, *Heraldry Simplified*, pp. 227-231, Manchester, 1910; James Fairbairn (revisto por Laurence Butters); *Crests of the Families of Great Britain and Ireland*, pp. 531-599, Rutland, Vermont, 1968; Alph. Chassant e Henri Tausin, *Dictionnaire des devises historques et héraldiques*, vols. I-III, Genebra, 1978; Henri Tausin, *Supplément au dictionnaire des devises historiques et héraldiques (A-Z)*, vols. I-II, Genebra, 1978; L.G. Pine, *A Dictionary of Mottoes*, Londres, 1983. Ver Aristides Monteiro, *Os timbres nos brasões-de-armas brasileiras dos 1.º e 2.º reinados*, in *Anuário do Museu Imperial*, vol. 42-43, pp. 41-69, Petrópolis, 1984.
- (35) Luís D. Gardel, *Les Armoiries Ecclésiastiques au Brésil (1551-1962)*, p. 17, Rio, 1963.
- (36) John Bromley e Heather Child, *The Armorial Bearings of the Guilds of London*, p. 22, Londres, 1960.

- (37) Henri Tausin, *op. cit.* (n. 34, *supra*), vol. I, p. 312. A edição de 1978 é reimpressão da 1ª, Paris, 1895.
- (38) Cf. nosso *Meditação Heráldica*, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, nº 48, pp. 21-24, Vitória, 1997.
- (39) *Gonfanon*, vol. XII, nº 1, p. 4 (*Heraldic Preservation*), Ottawa, 2001; *Preserving the heraldic display at Hart House – Part I*, in *Heraldry in Canada/L'Héraldique au Canada*, vol. XXXV, nº 1, pp. 27-28, Ottawa, março 2001; *Hart House heraldic display in jeopardy – Part II*, *ib.*, vol. XXXV, nº 2, pp. 28-29 e 46, Ottawa, verão 2001.